

A parrésia em Foucault: ou o dizer a verdade com franqueza para se arriscar

Parrhesia in Foucault: or telling the truth with frankness in order to take risks

Parresía en Foucault: o decir la verdad honestamente para correr riesgos

Yvisson Gomes dos Santos

Universidade Federal de Alagoas, Macieó, AL, Brasil

Walter Matias Lima

Universidade Federal de Alagoas, Macieó, AL, Brasil

Resumo

O presente artigo articula os conceitos de *parrésia* e do *arriscar-se* no âmbito da filosofia de Michel Foucault. Para tal, empregam-se os elementos pragmáticos do falar franco, precedido do conhece-te a ti mesmo e do cuidado de si da filosofia socrático-platônica-aristotélica e da antiguidade tardia estudadas pelo filósofo francês em sua estética da existência. Busca-se explicitar com os conceitos parresiásticos a urdidura do filósofo contemporâneo e frisar a importância de governa-se, primeiramente, para governar os outros. Isso se dará através da *afrodisia* e de uma *dietética* que visam articular-se na dialética filosófica da qual Foucault chama de desvelamento à liberdade. Por fim, o ato parresiástico se traduz no *arriscar-se* como um incitamento ao trabalho crítico e ético do filósofo.

Palavras-chaves: estética da existência; falar franco; liberdade; arriscar-se.

Abstract

This article articulates the concepts of parrhesia and risk-taking in the context of Michel Foucault's philosophy. To this end, the pragmatic elements of frank speaking are employed, preceded by the know thyself and the self-care of Socratic-Platonic-Aristotelian philosophy and late antiquity studied by the French philosopher in his aesthetics of existence. It seeks to explain, with the parrhesiastic concepts, the warp of the contemporary philosopher and to emphasize the importance of governing oneself, first, to govern others. It passes through an aphrodisia and a dietetic that aim to articulate themselves in the philosophical dialectic that Foucault calls the unveiling of freedom. Finally, the parrhesiastic act translates into risk-taking as an incitement to the philosopher's critical and ethical work.

Keywords: aesthetics of existence; to speak frankly; freedom; take chances.

Informações do artigo

Submetido em 19/04/2024

Aprovado em 09/09/2024

Publicado em 15/09/2024

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n3.p172-183>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Como ser citado (modelo ABNT)

DOS SANTOS, Yvisson Gomes; LIMA, Walter Matias. A parrésia em Foucault: ou o dizer a verdade com franqueza para se arriscar. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 3, p. 172-183, set./dez. 2024.

1 INTRODUÇÃO

Para o filósofo francês Michel Foucault, traduzir-se significa ser inteirado pelo universo subjetivo em relação com a experiência pública. Esse expediente se dará com a busca de um processo, podemos chamar de metodologia pragmática, do qual o cuidado de si, bem como o conhecimento sobre si produzem um filósofo (ou sujeito) que ousa falar com franqueza, ou seja: um parresiasta.

Nessa premissa, a presente investigação destrinchará o significado de *parrésia* pelo viés foucaultiano, sendo este vértice devedor da cultura ocidental greco-romana, amparando-se na ética como teoria e prática conciliáveis dentro do falar franco.

A aposta desse manuscrito advoga na perspectiva filosófica de uma pragmática contemporânea sobre os temas da verdade (*Aletheia*), do falar franco, e dos verbos no infinitivo - conhecer-se; cuidar-se, governar-se, arriscar-se - como pressupostos da dinâmica do pensamento filosófico, a saber: da hermenêutica do sujeito em construção argamassada pela legitimidade que lhe é imputada através das técnicas de si, preconizadas por Foucault.

2 FOUCAULT E A PARRÉSIA: OU O ARRISCAR-SE COMO UMA PRAGMÁTICA HUMANA E FILOSÓFICA

Colocamos neste presente artigo uma pergunta de Michel Foucault sobre o ato/ação do filosofar. Vamos ao fragmento que se encontra no livro *História da Sexualidade volume II: O uso dos Prazeres*: “Mas o que é filosofar hoje em dia? [...] senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente, em vez de legitimar o que já se sabe?” (Foucault, 2009b, p. 12).

As três perguntas feitas pelo filósofo, inscrita no trajeto de sua história da sexualidade, vêm apresentar a função do pensamento na filosofia. Essa função que é cognitiva e passa pelos prazeres das *afrodisias* e da *dietética* ou, sendo mais específico, que se transcorre pela moral da deusa Afrodite, se desdobrarão em atos, ações que visam ao bem-estar físico e mental do sujeito. Foucault, ainda neste quesito, tratará sobre a dietética, entendendo-a, – citamos o filósofo – como uma:

correlação entre os estados variáveis do corpo e as propriedades cambiantes das estações; e no cerne dessa preocupação se manifestavam o medo da violência, o temor do esgotamento e o duplo cuidado com a sobrevivência do indivíduo e com a manutenção da espécie (Foucault, 2014b, p. 218).

Por sua vez, para se levar uma vida plena e saudável, respeitar-se-á o corpo e a *psique* não somente como avatares totêmicos. Portanto, como elementos dos estados variáveis do envoltório corpóreo em metáforas do “corpo destruído”, do “corpo cadáver” que nos remetem à filosofia dos helenos, indo ao corpo possível de *Bíos* (vida) circunscrito pelo sintagma da *exceção*. Exceção que fuja dos biopoderes, unicamente.

Pela lógica de excludência, o *Cura Sui*, ou o cuidado de si, são instrumentos de ação que obliteram a docilização dos corpos, bem como da natureza impregnada de normatizações calculadas – travessia inerente aos ocidentais – descolando as dobras fictícias, que nas palavras de Deleuze (2013, p. 115): “só o esquecimento (o desdobramento, *dépli*) encontra aquilo que está dobrado na memória (na própria dobra)”. Em outras palavras, as dobras da subjetivação chamar-se-á de memória.

Faz-se necessário frisar que memória vem de uma deusa chamada *Mnemósine*, filha dos titãs do período arcaico grego, e mãe de mais de meia dúzia de musas, dentre elas a *Melpômene* – a musa das tragédias. Essa memória também nos leva ao Rio *Lethe*, ou do esquecimento. Ao tomarmos do seu líquido, segundo a tradição mitológica da Grécia de Hesíodo, esquecer-nos-íamos do mundo inteligível (ou suprassensível) do qual não voltaremos a ele por um longo período.

Estamos no orbe platônico dos mundos das ideias e do mundo sensível, pontua-se. O *plus* dessa questão será o termo verdade, substância cognoscente e ideal. *Aletheia* é desvelamento, verdade e descortinar-se. Por isso, não se deve beber do Rio *Lethe*, mesmo sendo *ananké* (destino), pois a verdade será esquecida da memória.

Com esse desvelar-se (em se ter memória), podemos pensar sobre a *parrésia* no sofisticado entrosamento daquele que diz a verdade com franqueza, e daquele que se recusa ou falseia tal verdade. Uma observação: Foucault traçou, na sua *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a), o perfil dos técnicos do saber: dos lisonjeiros, dos retóricos e dos místicos, os quais não representam um parresiasta. Este sim, imbuído de se despontar, reflexivamente, em suas experiências de maturidade espiritual e de governamentalidade.

Não esquecendo que essa maturidade espiritual perpassa pelos verbos reflexivos como quer Foucault (2010a, p. 13), a saber: “ocupar-se de si mesmo”, ‘ter cuidados consigo’, ‘retirar-se em si mesmo’, ‘recolher-se em si’, ‘sentir prazer em si mesmo’, ‘ser amigo de si mesmo’ [...] ‘prestar culto a si mesmo’ etc”.

O ‘cultuar-se a si mesmo’, tópico frasal, utiliza-se do pensamento na lembrança das três perguntas feitas no início deste manuscrito. É lugar comum afirmar que a filosofia nos intima ao pensamento, pois somos seres de discurso racional, possuímos o *logos* (palavra) que nos diferencia dos outros animais. Por sua vez, sem o pensamento (matéria amorfa, mas com significados), não existiríamos como sujeitos.

Segundo Edgardo Castro:

o pensamento [instaura] um sujeito e um objeto, uma história do pensamento seria a análise das condições em que se formaram e modificaram as relações entre o sujeito e o objeto para tornar possível uma forma de saber (2016, p. 408).

Esse saber advém das relações de poderes na História. Sujeitos sendo objetos e vice-versa – conflitivas de práticas que dividem e propõem cisão/dissensão no âmbito da pesquisa das Ciências Humanas. Já a *parrésia* nos assenta em vínculo com o outro, nosso semelhante, na perspectiva de que o falar com franqueza (*parrésia*) é báscula de sustentação da subjetividade.

Na premissa acima exposta, localizamos o termo *parrésia* em Foucault, já na *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a), na aula de 10 de fevereiro de 1982. Alguns comentadores do filósofo dizem que esse termo será apenas pesquisado, inicialmente, no *Governo de si dos outros I* (Flynn, 2016), mas em sua *Hermenêutica*, na aula citada acima, Foucault, sendo mais peculiar, nos dirá:

A palavra grega *parrhesía* [...] é uma qualidade, ou melhor, uma técnica utilizada na relação entre médico e doente, entre mestre e discípulo: é aquela liberdade de jogo, se quisermos, que faz com que, nos campos dos conhecimentos verdadeiros, possamos utilizar aquele que é pertinente para a transformação, a modificação, a melhoria do sujeito (2010, p. 215-216)¹.

É de nota que se coloca, ora uma dialética entre o médico e o paciente e, ora do mestre com seu o discípulo. Um exemplo atualizado: na Educação, esse liame dos

¹ Frisa-se que no contexto da fala foucaultiana, em sua *Hermenêutica*, a *parrésia* se contrapõe à literatura de Epicuro que era fisiologista, ou seja, a *physiología* permanecia contrária à *Paideia* (formação). O percurso de Foucault se alinhará à formação do povo grego, tendo na *Paideia* uma função de edificação social, educativa e política, bem como de ascese para a formação do povo heleno.

sujeitos da Escola é interligado pelo discurso verdadeiro e honesto através de jogos de liberdade. Isto se dará na enunciação do *Éthos* do mestre distanciando-se de adulação e premunições viciantes, como a cólera (ou raiva), ou com a retórica que nada diz a não ser ornar e fazer brilhar um barroquismo sobre a verdade. Buscando a melhoria dos sujeitos, há de se prevalecer no âmbito da educação a permanência da subjetivação da pergunta em direção às pluriferencialidades de respostas.

Com Nikolas Rose sabemos que:

As técnicas contemporâneas de subjetivação operam por meio do agenciamento, em toda uma variedade de locais, de uma interminável hermenêutica e de uma relação subjetiva consigo mesmo: um constante autoexame, uma avaliação das experiências pessoais [...] (2001, p. 194).

Outrossim, Michel Foucault apregoava esse autoexame através do dizer a verdade parresiástico como pragmática discursiva dentro de seu recorte arqueogenalógico do falar com franqueza através e pela ética.

E sua obra *A coragem da verdade*, Foucault (2011, p. 18) afirmava que: “o parresiasta [...] não é alguém que se mantém fundamentalmente reservado. Ao contrário, seu dever, sua obrigação, seu encargo, sua tarefa é falar, e ele não tem o direito de se furtar dessa tarefa”.

Para tal, pressupõe-se que o falar está acoplado ao discurso da verdade, da *Aletheia*, que se estabelece em interlocução com o outro, pois: “o parresiasta não releva a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou o ajuda a reconhecer o que ele é, interlocutor, é” (*Ibid.*, p. 19). Esse verbo de ligação *ser* é ontológico no sentido de exprimir continuidade à existência do sujeito com seu interlocutor – interrelacionando-se.

Nessa presente discussão, faremos uma análise mais aprofundada da *parrésia*. Segundo Saly Wellausen (2011, p. 54, grifo nosso), pesquisadora de Foucault, é dito: “[...] *parrehésia* é o fato de dizer a verdade [...] o *Parrêziasthai* é aquele que diz a verdade **e não importa qual maneira de dizê-lo**”.

De saída, importa dizer que essa aparente falta de maneira de dizer não implica em um processo antiético. Porquanto o *falar francamente* perpassa por matizes pragmáticos de uma ordem que se distancia de um caos discursivo. A ideia socrático-platônica possuía uma metodologia através da parturiência.

A verdade existe, segundo Foucault, para ser desvelada/falada/ética. E, segundo Sócrates, para ser parida. Não se furtará de um “não saber”, de um “embaraço” e, por fim, de um parto das ideias.

Com Foucault, em radicalidade, a maiêutica torna-se o tema da liberdade, do *libertas*. Na *Psicagogia*, termo de Foucault para anteparar a Pedagogia, a verdade tem função “[...] de modificar o modo de ser do sujeito, não simplesmente, [mas] dotá-lo das capacidades das capacidades que não possui” (Castro, 2016 p. 319). Modificar o sujeito requer vínculo, díade, elo, verdade, falar franco, autoexaminar-se e autoexpurgação numa relação de perigo e risco com a liberdade.

O *Parrhésiasta* é alguém que assume um risco, que nem sempre é a vida que está em jogo: quando alguém vê um amigo cometendo um erro arrisca despertar sua raiva ao admoestá-lo e perder sua amizade. [...] percebe-se, então, que a *parrhêsia* está ligada à coragem diante do perigo e da liberdade: é preciso coragem para falar a verdade diante do perigo; e em seu extremo, a exposição da verdade tem lugar no ‘jogo’ da vida ou morte (Wellausen, 2011, p 52)

Um dos exemplos de um parresiasta do período clássico foi Sócrates. Condenado à morte, não se furtou dela, mas assumiu perante a tribuna ateniense seu discurso de franqueza sobre a verdade e sua liberdade de falar franco. O cidadão Sócrates promoveu em seus educandos (ou discípulos) a função da enunciação parresiástica que foi “um pacto do sujeito falante com ele mesmo, que se apresenta[va] em dois níveis: o nível implícito ou explícito, no qual o sujeito se liga ao enunciado que está a dizer e se liga também a enunciação” (Wellausen, 2011, p. 55).

Lê-se um fragmento da *Defesa de Sócrates*, utilizado por Foucault em sua *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a):

[...] ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: ‘mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei’ (Platão, 1980, p. 9).

A ousadia do personagem ateniense, que em seu arriscar-se promove uma enunciação na qual está incluída e ligada a ela: “mais sábio do que esse homem eu sou”, referindo-se aos seus algozes, comprometendo-o a um pacto enunciativo de

perigo, de arriscar-se, que para Foucault (2010, p. 86) promoveria, em outras palavras, “um ponto de ataque discursivo” e, radicalmente, ético.

A ética transpassa a eclosão do parresiasta de forma plural e de noção duradoura. Para Saly Wellausen (2011, p. 52), o parresiasta “usa palavras de forma mais direta e clara possível [...] logo a *parrehésia* é sempre um ‘jogo’ entre aquele que fala a verdade e o interlocutor”. Como diria Epicteto: “Conduz-me ó Zeus, e tu, ó Destino” (Epicteto *apud* Foucault, 2011, p. 272).

Deve-se saber que o termo parrésia está entre os estoicos, epicuristas e cínicos, dos quais o filósofo francês estudou. Entretanto, o verniz conceitual de Foucault sobre os da época Clássica nos movimenta em um ir e vir constantes, tal qual a sua forma de lidar com seus escritos e conferências.

O método da liberdade discursiva que se aderem a “práticas de liberdade”, a “liberdade política”, e a “[...] liberdade como condição ontológica da ética de forma reflexiva” (Castro, 2016, p. 247), remetem-nos a exaustão do parresiasta em sua função precípua: dizer a verdade com franqueza, precipuamente.

Os não parresiastas, como os lisonjeiros, os profetas, os pseudosábios e o professor da técnica, no esteio da Filosofia, não se arriscam. Aos que *se arriscam* com verdade e franqueza se colocam, de acordo com Foucault como:

[...] o novo cuidado de si numa experiência de si. Pode-se ver que forma assume essa experiência de si nos séculos I e II, quando a introspecção se torna cada mais rebuscada. Uma relação se fixa entre a escrita e a vigilância. Presta-se atenção às nuances da vida, aos estados da alma e à leitura, e o ato de escrever intensifica e aprofunda a experiência de si. Todo um campo de experiências, que não existia antes, se abre (2014, p. 264).

Existe uma organização pragmática nos primeiros anos do século comum sobre as técnicas de si. Essas experiências se intensificam com a aproximação dos estados da alma e da leitura. Galeno falava sobre os humores. A bÍlis negra e tantas outras. Esses humores denunciariam características psíquicas de melancolia, raiva e patologias que prejudicariam a alma (*psique*) humana.

Já os jogos parresiásticos caminham em direção a uma ascese e a um autoconhecimento lapidado nas práticas que temos sobre nós mesmos (cuidando-se) e com os outros. O governo de si precisa de um trânsito para com o outro através da verdade como algo *refletido* (*conhece-te a ti mesmo?*). Fazendo uma análise

arqueogenealógica dessa verdade refletida nas instâncias da *episteme* foucaultiana, encontramos as palavras de Frédéric Gros²:

Todo esse processo genealógico supõe um pensamento da verdade. Pode-se dizer, de forma extremamente geral, que a verdade, em uma concepção clássica, é considerada na lei como universal, eterna e desinteressada. Idealmente, seria dado a todos e em todos os lugares, mesmo que, de fato, só tenha sido descoberto em mentes suficientemente rigorosas, desinteressadas e informadas. O processo genealógico, ao contrário, pensa a verdade como produção, ritual, procedimento regulado, ou mesmo crise, guerra, equilíbrio de poder, vitória. Nesta perspectiva, a verdade tem uma geografia precisa: ela é revelada apenas em certos lugares e em certos ambientes. Isto só pode ser falado ou pronunciado por sujeitos qualificados. Dependem de rituais corretamente executados, determinados dispositivos, circunstâncias e tempos específicos. Ele assume um jogo de forças em movimento. Em suma, deve ser refletido como um evento produzido e não como uma natureza descoberta ([s.d], p. 7).

O tema da verdade se encontra, segundo Gros, numa interdependência de equilíbrio e desequilíbrio de guerra e paz. Isto tudo para circunscrever o poder ou os jogos de poderes que ela possui. No trato genealógico até o das experiências de si ou de ética, faz-se necessário refletir, no sentido proposto por Jorge Larrosa (1994, p. 59): de “‘virar’ ou ‘dar a volta’, ‘voltar para trás e, também, ‘jogar ou lançar [-se] para trás’”. Essa reflexão nos leva, mais uma vez, ao risco parresiástico. Segundo Frank Pignatelli:

O risco [...] tem uma espécie de *status* duplo. Por um lado, há a atenção que ele concede à transgressão e suas possíveis consequências, levadas a limites extremos ou ao menos a limites de provação. Isso foi exercitado em sua conduta pessoal, em sua atividade política e naquilo que ele considerou ser seu trabalho como um intelectual. Por outro lado, dada sua preocupação com aquilo que [Foucault] considera ser nosso atual perigo em torno da prática normalizadora [ou seja] *não* arriscar a própria verdade, as próprias crenças (1994, p. 135).

² Do original: Toute cette démarche généalogique suppose une pensée de la vérité. On pourrait dire, d'une manière extrêmement générale, que la vérité, dans une conception classique, est pensée en droit comme universelle, éternelle et désintéressée. Elle serait donnée idéalement à tous et partout, même si, de fait, elle ne se découvrirait qu'aux esprits suffisamment rigoureux, désintéressés et avertis. La démarche généalogique pense au contraire la vérité comme production, rituel, procédure réglée, ou encore crise, guerre, rapport de forces, victoire. Dans cette perspective, la vérité a une géographie précise : elle ne se révèle qu'en certains lieux et dans certains cadres. Elle ne peut être énoncée ou proférée que par des sujets qualifiés. Elle dépend de rituels correctement exécutés, de dispositifs déterminés, de circonstances et de moments précis. Elle suppose un jeu de forces mouvant. En tout, elle est doit être réfléchie comme événement produit plutôt que comme nature découverte (Gros, F. **Introduction à la philosophie de Michel Foucault. Michel Foucault, une philosophie de la vérité** ([s.d])).

O artifício de transgressão no tema-conceito: *arriscar-se*, requer dois sentidos, a saber: quando se fala em transgredir, tomamos a possibilidade ontológica do ser parresiasta em se fazer cumprir a premissa maior que o define: dizer a verdade francamente (*Cura Sui*); outro aspecto será que, com tal possibilidade dessa verdade, haverá, antes de mais nada, a prevalência do cuidar de si. Esse cuidado de si tem uma teleologia que deverá ser: governa-se para governar os outros.

O trânsito foucaultiano sobre essas duas perspectivas coloca o filósofo na esteira de reconsiderar suas crenças (*doxa*), e delas fazer epistemologia. Um traslado de um obscurecimento do macrocosmo, entendo-o como *ordem*, do grego, *kosmos*, indo à percepção ética “[d]o cuidado de si [...] um privilégio-poder, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade, obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação” (Foucault, 2009a, p. 53). E como se dará essa aplicação – vejam como empiria – no orbe foucaultiano? Respondemos:

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor. [...] Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho para consigo e a comunicação para com outrem (Foucault, 2009a, p. 56-57).

A justa medida em Aristóteles cabe nessa acepção em Foucault. Esse cuidado deve ser corporal e ideativo como nos lembram os latinos: *Mente sã, corpo sã*. Voltando a justa medida aristotélica, ela se refere à evitação da *hybris*, da desmesura que descentra o sujeito de sua jornada moral e, por fim, de sua liberdade como filósofo.

As perguntas iniciais deste artigo propostas por Foucault (2009b, p. 12), agora, alcançam filigranas de respostas. Lembremo-nos delas: “Mas o que é filosofar hoje em dia? [...] senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente, em vez de legitimar o que já se sabe?”.

O trabalho do pensamento do filósofo perpassa pela radicalidade de se dizer a verdade com franqueza, buscando a origem desse dispositivo através das vias do

cuidado com o corpo e com a alma, da leitura, do interpretar, de uma hermenêutica voltada não somente para si, mas para os outros como se anunciava a *Eudaimonia* política na Grécia socrática.

O pensamento sobre o próprio pensamento não se apresenta em cisão, mas sim, como a busca de sentidos para se pensar respostas. E qual o mecanismo utilizado para tal? *O arriscar-se*. Não ter medo de expor suas ideias, conquanto que sejam passadas pelo crivo de uma dialética entre o *oikós* e o público, expressando-se livremente. A unidade do sujeito encontra-se aprimorada nas suas relações com os outros e na decorrência dessa relação como sustentáculo ao subjetivo, tal como o *maiêutico*, para se buscar a *Aletheia* – o desvelamento, o lançar do véu das crenças e, por fim, a verdade.

Outro fato importante é que o *arriscar-se* (verbo no infinitivo em língua portuguesa) também significa expor-se e aventura-se à sorte. Ora, Sócrates em sua defesa fez isso de forma pontual: sujeitou-se à sorte para seu julgamento. Assim deve ser o filósofo que Michel Foucault tenta atualizar através das práticas de si.

O jogo linguístico nos ajuda a compreender as influências dos antigos gregos e do período da antiguidade tardia na construção teórica de Foucault: conhecer a si mesmo; cuidar de si; e dizer a verdade colocam-se no preceito da ética ou da estilística da existência.

A teleologia do parresiasta é o franco-falar como uma forma terapêutica para argamassar o construto do que é ser filósofo. Essa construção detém o violentar-se contra as crenças, estabelecendo condutas parresiásticas que iluminam o obscurantismo de uma vida humana sem adesão à liberdade. Sabe-se que essa liberdade visa a relação moral com/entre os cidadãos. Sem um elo com o outro, marcaremos o solilóquio dos místicos numa linguagem endereçada somente ao divino e ao indecifrável à vida comunitária.

E quem poderá dizer a verdade senão o interlocutor livre ao qual chamamos de filósofo/parresiasta. Já que, a *parrésia* é: “a coragem da verdade daquele que fala e corre o **risco de dizer**, a despeito de tudo, toda a verdade que ele pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ofensiva que ele escuta” (Foucault, 2010b, p. 14, grifo nosso).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Foucault, devedor dos gregos clássicos e da antiguidade tardia, traçou em seu esboço arqueogenealógico as premissas de um filósofo parresiasta. Não se recorre em dualidade afirmar que sendo filósofo, inevitavelmente, falamos da *parrésia*.

As incursões sobre os textos foucaultianos e de comentadores, levaram-nos a aferir que para se ter certeza do que se fala, daquilo que se chama de *Cura Sui*, pelos latinos, faz-se necessário *arriscar-se*. Esse conceito advém da ruptura com as crenças (*doxa*), buscando-se o conhecimento délfico (como ontologia), seguido do cuidado de si (como epistemologia) até o falar franco (como pragmática).

Foucault, em sua polifonia de assuntos, prestou-se aos estudos dessa verdade que adoesta o medo, que induz ao embaraço e vai até ao maiêutico socrático, na tentativa de uma pragmática que cuida dos corpos, bem como da mente.

Um filósofo que fizer uso desse recurso (*parrésia*), no contemporâneo, pode ter uma certeza, mesmo que mínima, que se utilizará do pensamento em vários matizes que se direcionam ao risco de dizer, dizendo e enunciando um construto inerente de uma hermenêutica do sujeito em direção ao governo de si para o governo dos outros, em uma função dialética.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

FLYNN, Thomas. O mapeamento da história em Foucault. *In*: GUTTIN, G (org.). **Foucault**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade** (O Governo de Si e dos Outros II). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Marcio Alves da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. As Técnicas de si. *In*: FOUCAULT, M. **Genealogia da ética, da subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 (Ditos e Escritos Volume V).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o cuidado de si. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. v. 2. Rio de Janeiro: Graal, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). 1. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos e Escritos Volume IX).

GROS, Frédéric. **Introduction à la philosophie de Michel Foucault Michel Foucault, une philosophie de la vérité** ([s.d]).

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e a educação. *In.*: SILVA, T. T (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PIGNATELLI, Frank. O que posso fazer? Foucault e a questão da liberdade e da agência docente. *In.*: SILVA, T. T. (org). **O sujeito da educação** – estudos foucaultianos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PLATÃO. Defesa de Sócrates. *In.*: Sócrates. **Seleção de textos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, 2001.

WELLAUSEN, Saly. **A parrhésia em Michel Foucault**: um enunciado político e Ético. São Paulo: Liber Ars, 2011.

DADOS DOS AUTORES

Yvisson Gomes dos Santos

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/CEDU/UFAL). Professor efetivo de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação de Alagoas (SEDUC/AL). Vinculado ao grupo de pesquisa Filosofia e Educação (UFAL).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8798-123X>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3479680280585946>.

E-mail: yvissongomes@hotmail.com

Walter Matias Lima

Doutorado em Filosofia e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Estágio Pós-Doutorado na Université Rennes II: Centre de recherche sur l'éducation, les apprentissages et la didactique (CREAD). Professor Titular da UFAL, no Centro de Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7331-9475>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0941145152986197>.

E-mail: waltermatias@gmail.com